

Nomearam a pessoa errada ou não? O governo afinal é contra ou a favor da legalização do aborto?

sex, 17/02/12 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

Tem alguma coisa enigmática, estranha. O Governo se diz contra o aborto, mas a ministra recém-empossada na Secretaria de políticas para as mulheres tem uma história de luta pela legalização do aborto. Houve gritaria geral na bancada evangélica depois de veiculada uma [entrevista](#), concedida em 2004, em que a ministra Eleonora Menicucci de Oliveira se disse não só favorável à legalização do aborto como declarou ter praticado dois abortos na juventude. Nesta mesma entrevista a ministra relata sua história de vida e sua participação em uma ONG destinada a ensinar métodos abortivos a mulheres, mas na cerimônia de posse, Eleonora Menicucci de Oliveira declarou que sua opinião não vinha ao caso, pois ela agora é Governo. “Paris bem vale uma missa”? Ou não?

Não nego que esta questão seja difícil e delicada, pois há princípios religiosos e morais em jogo. No entanto, penso que o Estado laico nada tem a ver com posições religiosas e sim com o bem comum. Fiquei pasma com tudo o que ouvi. Para alguns a nova ministra é uma “fazedora de anjos”, como se diz ou dizia no jargão policial do século XX, para outros suas convicções não devem ser consideradas e o Governo seguirá com sua política contra o aborto.

Não é possível que o Governo se curve ao medo de perder o apoio por afirmar e lutar por uma política mais humana em relação à questão do aborto. Todas sabem que o aborto ilegal e as consequências advindas dos procedimentos caseiros e malfeitos utilizados nesta prática figuram como a terceira causa de morte das mulheres jovens no Brasil. Assim sendo, não dá para continuar tapando o sol com a peneira. Será que o Governo está se deixando amesquinhar diante deste problema ou a indicação de Eleonora Menicucci de Oliveira sinaliza uma vontade política de enfrentar a polêmica?

Penso que a escolha dos ministros deve-se à sua competência e às ideias professadas pelos mesmos. Se for assim, a ministra poderá fazer um bom trabalho. Se, ao contrário, a ministra assumir a posição de Governo avessa ao aborto estará seguindo a triste sina do nosso país, não tomando as decisões corretas por medo de perder a aprovação. Deixar de lado um dos mais sérios dilemas das mulheres que, diferentemente da ministra Eleonora Menicucci de Oliveira, não têm um partido para aconselhá-las a fazer um aborto ilegal em uma situação de extrema dificuldade política e pessoal, conforme está dito na entrevista de 2004, citada acima, será um erro grave. Mas, se, ao contrário, esta nomeação prenuncia o início do enfrentamento dos setores religiosos e conservadores, fico mais esperançosa.

O único ministro na história recente do País a declarar publicamente que o aborto é uma questão de saúde pública e tentar iniciar um debate sobre sua legalização foi o dr. Temporão, ministro da Saúde do Governo Lula. Mas mesmo ele teve de se calar depois que sua mãe, muito religiosa, deu-lhe um pito. Será mesmo que foi assim que tocou a banda? Não acredito. Antes de Temporão, José Serra, então ministro da Saúde, prescreveu várias regras para que as mulheres com direito a aborto legal segundo o Código Penal de 1942 ainda vigente – as que ficam grávidas depois de um estupro

busca no blog

Perfil

Professora titular do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Autora dos livros "Guerra de orixá", editado pela Zahar e "Medo do feitiço", publicado pelo Arquivo Nacional. Coautora dos livros "Raça como retórica" e "Divisões perigosas", ambos pela Civilização Brasileira. Agraciada em 2008 com a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico do Governo do Brasil. Pesquisadora do CNPq e bolsista Cientista do Nosso Estado pela Faperj.

Colunistas

[Altieres Rohr](#)
[Alysson Muotri](#)
[Ana Cássia Maturano](#)
[Bruno Medina](#)
[Cassio Barbosa](#)
[Cristiana Lôbo](#)
[Dan Stulbach](#)
[Geneton Moraes Neto](#)
[Luciano Trigo](#)
[Paulo Coelho](#)
[Ronaldo Prass](#)
[Rosana Jatobá](#)
[Sérgio Nogueira](#)
[Thais Herédia](#)
[Zeca Camargo](#)

Outros blogs

[Amazônia – Blog do ISA](#)
[Fantástico – 30 anos atrás](#)
[G1 – Blog da Redação](#)
[Globo News – Cidades e Soluções](#)
[Globo News – Ciência e Tecnologia](#)
[Globo News – Estúdio i](#)
[Globo News – Milênio](#)
[Globo News – Sarau](#)
[Jornal da Globo – Arnaldo Jabor](#)
[Jornal da Globo – Nelson Motta](#)
[Jornal Nacional – JN Especial](#)

Arquivos

[fevereiro 2012](#)
[janeiro 2012](#)
[dezembro 2011](#)
[novembro 2011](#)
[outubro 2011](#)
[setembro 2011](#)
[agosto 2011](#)
[julho 2011](#)
[junho 2011](#)

ou se não há outro meio de salvar a vida da gestante – recebessem atendimento adequado nos ambulatórios e hospitais públicos. Este fato, aliás, foi usado na campanha presidencial de 2010 para acusar o candidato Serra de ser a favor da legalização do aborto.

O que fará a ministra especial de políticas para a mulher? Vai lutar para que outras mulheres possam escolher o que ela própria pôde fazer na juventude ou vai se curvar à bancada evangélica? O Governo nomeou Eleonora Menicucci de Oliveira para a pasta da política de mulheres porque quer mudar de posição? Vamos lá: a descriminalização do aborto é uma questão de saúde pública como afirmou o ministro Temporão? Espero que esta nomeação signifique que há vontade de produzir o debate em torno da questão e pressione nossos legisladores a fazer a coisa certa. Descriminalizar o aborto é urgente.

28 comentários »

Encefalômetro: a máquina sinistra de medir supostas raças

sex, 10/02/12 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

Nunca me sinto totalmente à vontade em museus “etnográficos”. Se de um lado pode-se ver a riqueza da criação humana, de outro, tudo fica organizado sob a ótica ocidental. Não poderia ser diferente, pois na expressão de Franz Boas: “O olho que vê é o órgão da tradição”.

O museu do quai Branly não foge à regra dos museus etnográficos que se modificam à medida que o conhecimento humano sobre o outro ganha novos sentidos. Logo na entrada vê-se projetado no chão uma infinidade de nomes de grupos ou “etnias” e de tantas que se somam, e vão se sobrepondo, terminam num emaranhado no qual os nomes não mais se distinguem, permanecendo apenas o desenho da luz branca semelhante à uma pintura a giz feita por muitas mãos infantis como se rabiscassem traços ondulados. A ideia é exatamente mostrar que as diferenças fazem parte do acervo humano, único, universal e maravilhoso.

O prédio moderno contrasta com o bairro de estilo francês típico: edificações baixas e pequenas sacadas onde, na primavera, há flores de diversas cores. A beleza arquitetônica e a forma de organizar as exposições são primorosas. A reserva técnica fica semiaparente, no centro do prédio, e o visitante, ao subir a rampa do museu, pode ver os objetos guardados que excitam sua imaginação. As coleções de cada continente são frequentemente reorganizadas. Da última vez que lá estive pude ver os famosos braceletes e colares do ritual do Kula, descrito no fabuloso *Os argonautas do pacífico ocidental*, de Bronislaw Malinowski.

Pude apreciar, desta vez, a exposição temporária intitulada *A invenção do selvagem*. Ao entrar acompanhamos as primeiras pinturas e desenhos do encontro entre a civilização ocidental e o “outro”. Um pequeno desenho do livreto comemorativo da entrada do rei Henrique II na cidade de Rouen, em 1550, retrata a cena triunfal do monarca com índios tupinambás de carne e osso, anos antes dos relatos de Jean de Léry e André Thevet serem conhecidos do público francês. O desenho descreve a forma com que os indígenas expostos foram reverenciados e “experimentados” exatamente como viviam nas suas aldeias.

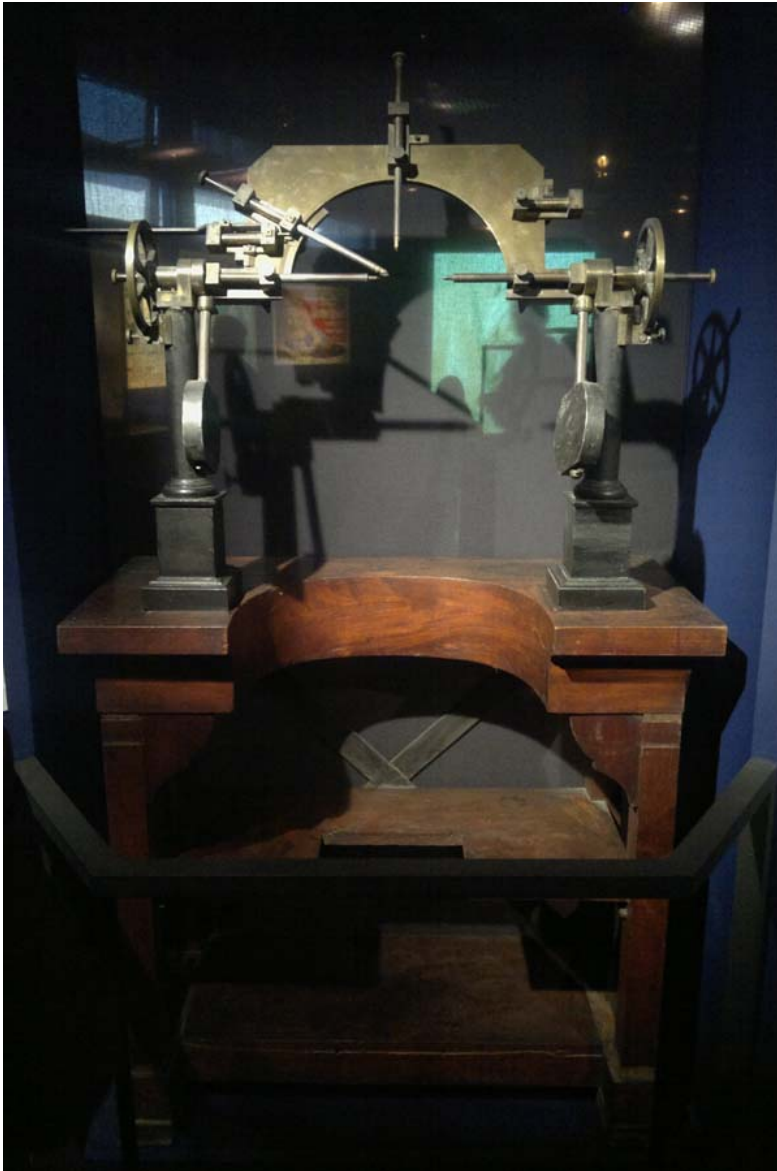
A mostra retrata, de muitos pontos de vista, o encontro com o outro e as diversas formas de concebê-lo, desde a descoberta do Novo Mundo no século XVI até meados do século XX, por meio de cartazes, fotos, filmes e objetos. Uma longa série de referências às exposições mundiais que levaram milhares de pessoas para ver, ouvir e tocar nas figuras exóticas ali apresentadas. Nos corredores à meia luz do museu vão se sucedendo encontros inusitados até que o olhar se deixa pousar sobre o encefalômetro, máquina de meter medo, usada no século XIX para definir as “raças humanas”. Ao lado desta máquina tenebrosa, um desenho a bico-de-pena de crânios representando as diversas “raças”.

Na mesma sala estão também fotografias de Saartje Baartman, a “Venus Hotentote”, exibida em feiras e circos na França e na Inglaterra no final do século XVIII e início do XIX. A história de Saartje – a Pequena Sarah (1789-1915) – que falava holandês fluentemente, pode ser vista como uma

metáfora de parte da história do encontro com o outro. Saartjie Baartman nasceu no seio de uma família khoisan no vale do rio Gamtoos, na atual província do Cabo Oriental na África do Sul. Esta é a forma africânder do seu nome – Saartjie (pronunciado “Sarqui”) e traduzido como “Pequena Sarah”. Saartjie morreu na França depois de ter tido exposta de várias formas para demonstrar as características de uma “etnia”. Seus restos mortais só voltaram à sua cidade natal por solicitação oficial de Nelson Mandela, em 2002. Mas este caso da Pequena Sarah daria um outro post.

Próximo ao encefalômetro, projetado na parede, uma pequena ficha explicativa, sempre usando os verbos no passado, mostra como a diversidade humana foi aos poucos sendo explicadas pela ideia de raça que hierarquiza as diferenças e atribui às distinções biológicas características morais. Alguns antropólogos, no início do século XIX, fizeram desta chave explicativa uma saída para o entendimento da humanidade abrindo, assim, uma porta para as ideologias de dominação dos considerados de “raça superior” sobre os de “raça inferior”. Ao meu lado, uma visitante francesa, espantada, concluiu que realmente havia distinções marcantes entre os crânios das diversas “etnias”. Ao ouvir esta senhora concordar com os antropólogos racistas do tempo da máquina de construir diferenças inexistentes fiquei horrorizada. Na França de hoje, depois de uma guerra sangrenta movida pelo pensamento racista, ainda há quem, olhando aquela exposição, entenda as supostas raças como verdadeiras. Esse fato me fez ver que mesmo quando se quer criticar o pensamento racista, ele se introduz de modos insuspeitos. A única forma de extirpar a lógica racista é destruindo a ideia de raça e não reforçando-a. A antropologia demorou mais de um século para se livrar daquela máquina frankensteriana na qual mediam os índices cefálicos das populações com o intuito de definir diferenças entre os crânios das supostas raças.

Saí do museu do quai Branly refletindo sobre o Brasil de hoje e imediatamente pensei nas consequências do reforço da ideia de raça. Aqui, os tribunais raciais realizados em algumas universidades públicas podem acabar se tornando um tiro pela culatra e prenúncio de um caminho que produziu tanto sofrimento à Pequena Sarah e a milhares de outras pessoas em nome da raça. Os promotores destes tribunais discordam dessa afirmação e dizem que estão fazendo a seleção entre verdadeiros e falsos negros para o bem destes últimos. Mas até quando terão o controle sobre os resultados da sua engenharia social de alto risco e eficácia duvidosa?



Encefalômetro

[9 comentários »](#)

Reciprocidade e gratidão

sex, 03/02/12 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

“Que bem vos fiz para me queres tão mal?” – Este dito popular me impressionou muito quando o ouvi pela primeira vez. De fato, ando pensando nas regras de reciprocidade e no que chamamos de gratidão.

Bronislaw Malinowski, um dos pais fundadores da antropologia, viveu entre os nativos das ilhas Trobriand, no Pacífico Ocidental, de 1915 a 1918, e descreveu o ritual chamado Kula, que consiste na troca de braceletes e colares. Os nativos trocam estes presentes com parceiros de outras ilhas e assim estabelecem a circulação de bens, afeto, amizade, aliança e reciprocidade. As dádivas trocadas são os elos que permitem as relações sociais entre aqueles que, sem isso, seriam distantes e até inimigos.

Marcel Mauss e, depois dele, Lévi-Strauss, analisando a troca ritual do Kula, descobriram as regras de reciprocidade, alicerce da vida em sociedade. Sem as trocas e sem as regras que as sustentam,

não é possível vida social. As regras do dar e do receber são universais. Aquele que dá o presente espera receber em troca um presente de igual valor, mas fica sempre numa situação de insegurança e inferioridade em relação àquele que recebe, pois este pode negar o presente dado e com isso a amizade e a aliança. Quando o presente é negado corre-se o risco de rompimento da relação e até de guerra. No entanto, a reciprocidade não precisa ser imediata e equilibrada. Há trocas complexas e indiretas nas quais a reciprocidade não é feita entre os mesmos parceiros.

A frase com a qual iniciei este post expressa a ruptura da regra da reciprocidade, do princípio que regula a troca – dar, receber e retribuir, pois aquele que dá pode receber como retribuição o ódio, a negação ou a não reciprocidade daquele que foi beneficiado. A isto damos às vezes o nome de ingratidão, que também faz parte do sistema e demonstra o outro lado da moeda, ou seja, a dádiva aceita e trocada, a base da aliança.

Vou contar uma história que marcou minha vida e me fez pensar nestas regras. Meu pai foi um dos fundadores da física no Brasil e quis a história que ele fosse convidado a integrar a comissão que estabeleceu os princípios para a criação do Conselho Nacional de Pesquisa, hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cuja principal função era, como até hoje, o apoio à pesquisa científica. A lei nº 1.310 de 15 de janeiro de 1951, que criou o CNPq, estabeleceu a responsabilidade deste órgão pelo monopólio estatal do comércio externo de minerais estratégicos e fixou restrições à venda dos mesmos. Uma das riquezas retiradas das praias do litoral brasileiro, e levada para o exterior sob forma de lastro de navio – sem que o Estado nada recebesse em troca – foi a areia monazítica que contém urânio, tório, bem como outros elementos químicos raros de elevado valor para várias aplicações tecnológicas. A lei coibiu esta prática e marcou o início da luta pela regulamentação das atividades de extração, beneficiamento e comercialização dos minerais estratégicos brasileiros, dentre os quais a monazita.

O tema da proteção aos minérios produzia intensos debates desde o final dos anos 1940 e se intensificou nos anos 1950 com a luta pelo uso pacífico da energia atômica. Havia posições divergentes e o grande poeta e empresário Augusto Frederico Schmidt era um dos envolvidos na discussão liderada por físicos, químicos, geólogos e técnicos. O poeta e o físico Joaquim da Costa Ribeiro trilhavam caminhos diversos na discussão até que, no meio do furacão, os dois se encontraram e meu pai levantou-se de onde estava para cumprimentar Schmidt, fazendo deste gesto um sinal de aliança e mostrando-lhe que as divergências não significavam o rompimento da amizade e admiração que sentia pelo grande poeta.

Quando meu pai faleceu, aos 54 anos, Schmidt, um dos que fizeram o discurso fúnebre, mencionou outra ocasião em que estivera naquele mesmo cemitério, no enterro de minha mãe, falecida prematuramente, três anos antes. O poeta lembrou que entre todos os muitos amigos presentes à cerimônia de adeus, meu pai, na volta do funeral, o escolheu para acompanhá-lo, e falou sobre o amor e sobre a dor de meu pai naqueles minutos em que o amparara. Na saída do cemitério, logo depois daquelas palavras incomensuravelmente belas, o poeta chamou meu irmão mais velho que se tornou, com apenas 24 anos, tutor dos quatro irmãos menores de idade e disse: “Sergio, que o supermercado Disco seja a sua dispensa.” Schmidt era dono dessa grande rede de supermercados do Rio de Janeiro.

Foi assim que os filhos de Joaquim da Costa Ribeiro conseguiram sobreviver depois da morte do pai tendo o pão de cada dia ofertado pela generosidade do poeta até sua morte. Nunca pude retribuir a dádiva como gostaria e como seria o correto enquanto Augusto Frederico Schmidt viveu. Até hoje nele penso com enorme gratidão e fui pela vida tentando retribuir o presente, na medida das minhas posses, numa reciprocidade indireta. O poeta me deu a possibilidade de sobreviver materialmente e me dedicar aos estudos com mais facilidade. No entanto, os anos em que a nossa dispensa foi o Disco me legaram, mais do que o pão de cada dia, o sentimento de humildade do receber e a necessidade de retribuir.

Mas nem sempre a história tem esse final. Há muitos casos de rompimento da reciprocidade o que reforça a sabedoria do dito popular: “Que bem vos fiz para que me quereses tão mal?”

7 comentários »

A política de

segurança pública do Rio de Janeiro

sex, 27/01/12 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

Ouvindo minhas impressões positivas sobre as comemorações da festa da virada no Rio de Janeiro, um amigo me perguntou se eu então tinha me tornado fã de Dilma. Calei-me. Sempre me sinto insegura a respeito de minhas posições políticas. Sou antropóloga de uma geração que aprendeu que a ciência se faz com novas perguntas e para tanto é preciso duvidar das antigas. Colocar à prova o senso comum e olhar o mundo com o famoso relativismo foram lições que se incorporaram de forma indelével ao meu pensamento e a meus sentidos. Não me considero pertencente a nenhuma corrente política. Procuro manter-me fiel a alguns princípios e navegar no mundo com a certeza de que é preciso independência e determinação se o objetivo é desvendar novas questões.

Vivo hoje com muita esperança em relação ao futuro da nossa cidade e do estado do Rio de Janeiro e, sobretudo, do destino das milhares de pessoas que vivem sob o jugo dos traficantes. Foi preciso mudar a pergunta e focar a repressão não mais no bandido isolado, mas no tráfico de armas e na tomada do território. Foi este ovo de Colombo que os estudiosos da violência no Brasil legaram aos estrategistas da segurança pública nos últimos vinte anos e um deles, tomado de espírito público, levou a ideia adiante.

Nestes cinco anos em que José Mariano Beltrame esteve à frente da Secretaria de Segurança, assistimos a muitas ações de tomada de território das mãos daqueles que traficam armas e com elas ameaçam a população no asfalto e na “favela”. Parece que se estabeleceu um consenso maior sobre como enfrentar o crime no estado do Rio de Janeiro sem a tradicional luta entre polícia e bandido, e o secretário de Segurança passou a ter também como missão explicar à população a mudança de rumo da política de segurança. No artigo “Apenas o primeiro passo”, publicado no *O Globo* de 26 de dezembro último, Beltrame esclareceu o significado e o alcance das Unidades de Polícia Pacificadoras fazendo uma analogia entre as UPP's e o processo de controle da inflação iniciado em 1994 com a criação da URV e seguida pela nova moeda, o real. Com todas as reservas que devemos tomar com analogias, achei esta muito pertinente porque realmente ninguém acreditava que seria possível controlar a inflação galopante do Brasil. Muitas tentativas haviam sido feitas até chegar ao Plano Real. A solução partiu de um grupo de economistas especialmente dedicado a fazer novas perguntas para os problemas da nossa economia – Persio Arida, André Lara Resende, Gustavo Franco, Pedro Malan, Edmar Bacha, Clóvis Carvalho e Winston Fritsch –, reunido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso quando foi nomeado ministro da Fazenda no Governo Itamar Franco. Na presidência da república, Fernando Henrique deu continuidade ao plano e ao longo dos oito anos de seu mandato possibilitou a estabilização da moeda, fato inédito na história recente do mundo. Os mais novos nem imaginam o que era viver sob uma inflação galopante que se abatia com muito mais força sobre os mais pobres. Em seu artigo o secretário de segurança disse que ele e todos nós esperamos que um dia os mais novos não consigam imaginar um país em que os traficantes dominavam a maior parte do território levando medo e terror à sociedade, sobretudo às populações mais pobres.

No entanto, é preciso fazer uma ressalva. Enquanto a política econômica, que resultou no controle da inflação e na mudança radical da vida dos brasileiros, teve caráter nacional tendo sido emanada pelo Governo Federal e implantada em todo o território brasileiro, a política de segurança no Rio de Janeiro não tem sido acompanhada até aqui por uma política nacional nos mesmos moldes. O próprio secretário de Segurança no programa Roda Viva da TV Cultura de 29 de novembro último mostrou-se apreensivo com a questão das fronteiras e com a dificuldade de controlar a entrada de armas.

Muitas pessoas ainda se mantêm céticas em relação à política de segurança do Rio de Janeiro, mas a maioria passou a viver um clima de “Yes we can”, o famoso *slogan* da campanha de Barack Obama e isto é, em si, um fato superpositivo. É preciso, no entanto, lembrar que as novas perguntas que mudam o rumo dos acontecimentos produzem estruturas muito frágeis e basta trocar uma peça do quebra-cabeças para que o todo se desmorone. Tanto ao que tange ao controle da inflação quanto à política de segurança pública é preciso cuidar muito bem das peças do xadrez porque o caminho não é feito por uma trilha linear em constante evolução. O caminho é cheio de armadilhas e é preciso se manter fiel aos princípios e aberto ao diálogo e à crítica.

sem comentário »

Revoltante a notícia sobre o sistema público de saúde!!!

sex, 20/01/12 por yvonnemaggie | categoria Sem categoria

Uma notícia sobre o sistema público de saúde em meio a anúncios de aumento de verba para o setor me deixou revoltada. O ministro da Saúde, em entrevista no dia 30 de dezembro último ao jornal *Valor Econômico*, anunciou que, em breve, o Governo vai instituir uma margem de 25% para os produtores nacionais de bens e serviços adquiridos pelo Ministério da Saúde. Ou seja, o Governo vai pagar 25% a mais por esses bens, desde que sejam produzidos em território nacional. O argumento que o ministro apresenta é que o déficit comercial do setor de saúde é grande e está crescendo, ou seja, importamos mais do que exportamos equipamentos hospitalares, medicamentos e outros itens relacionados.

Em artigo no mesmo jornal de 10 de janeiro de 2012, o economista Edmar Bacha analisa a intenção do ministro dizendo que apesar do aumento do orçamento do Ministério da Saúde para 2012, como anunciado nas manchetes do dia 17 último, o projeto do Governo, se confirmada a pretensão de substituir importações nesta área, é gastar uma quantidade maior dessa verba para a "criação de musculatura na indústria brasileira". Não importa se os bens adquiridos para criar esta "musculatura" são piores do que os importados ou se vamos gastar mais com os produtos "nacionais". Segundo Edmar Bacha o argumento do "déficit setorial entre importação e exportação não é cabível." Estamos em outro momento de nossa economia e temos excesso de divisas; o que se deveria priorizar é a qualidade do produto ofertado, sobretudo na área de saúde tão crítica para a população. Diz o economista:

"Os instrumentos para desenvolver uma indústria competitiva de saúde no País estão à disposição de quem a eles quiser se candidatar: isenções tributárias para a importação de bens de capital e a instalação de novas unidades em diversos estados da federação; financiamentos generosos do BNDES; mercado local amplo e em crescimento. Se o Governo quiser dar mais incentivos, basta garantir que, em igualdade de condições de preços e qualidade, dará preferência à indústria nacional. Mas não é aceitável que o País gaste recursos da arrecadação de impostos para pagar mais caro pela saúde que já tem, quando há tantas deficiências na área."

Edmar Bacha ainda calcula quanto a mais seria gasto para fazer esta substituição de importação pagando mais caro pelos produtos:

"Trata-se de um gasto de US\$ 2,75 bilhões, os quais, ao câmbio atual, somam R\$ 5 bilhões. Em lugar de gastar esse dinheiro com substituição de importações, o Ministério da Saúde poderia usá-lo mais produtivamente para expandir o Programa da Saúde da Família, cuja cobertura está estagnada em torno de 60%, deixando ao desabrigo uma parcela importante da população que não tem planos de saúde. Alternativamente, poderia dedicar-se a reduzir a mortalidade infantil no País, que ainda se situa num patamar excessivamente alto, de 15 por mil nascidos vivos, enquanto que no Chile, por exemplo, essa taxa é de 8 por mil nascidos vivos. Ou então, dedicar-se a reduzir a taxa de mortalidade materna que, de acordo com os próprios dados do Ministério, estão estacionados em níveis elevados desde 2002. Ou seja, prioridades relevantes não faltam. O que parece faltar é vontade política de enfrentar os problemas."

Não podemos ficar calados diante de notícia tão alarmante. Recentemente tive um câncer e o tratamento implicava sessões diárias de radioterapia. Felizmente tinha economias e gastei-as pagando todo o tratamento em uma clínica do Rio de Janeiro que dispunha de máquina avançadíssima que diminui os efeitos colaterais que seriam muito mais dolorosos, podendo até inviabilizar o tratamento, se eu tivesse tido que usar tecnologia menos atual. Neste momento da doença e do sofrimento físico pensei nos milhares de pacientes do SUS sem acesso a esses recursos.

Espero que o ministro da Saúde não tente impedir a melhoria do sistema de saúde. Para o paciente não é importante se está usando máquinas e medicamentos americanos, chineses ou brasileiros, o importante é a eficiência e a qualidade do serviço ofertado para que fique curado e sofra menos.

Não é admissível, em pleno século XXI, que o Brasil não consiga ultrapassar a marca do subdesenvolvimento como está sendo demonstrado na área da saúde. Não quero de jeito nenhum pensar paranoicamente sobre esta intenção do ministro da Saúde, como também não o fez Edmar Bacha, mas o povo certamente irá suspeitar que por baixo dessa capa nacionalista possa rolar algum “malfeito”.

9 comentários »

O Brasil é aqui II – Os haitianos e o fechamento das fronteiras do Brasil

sex, 13/01/12 por yvonnemaggie | categoria Sem categoria

Em julho de 2011 escrevi o *post* – O Brasil é aqui

<http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/?s=Haitianos> – sobre a triste situação dos haitianos em Manaus e preenciei o que iria acontecer. Pois está acontecendo. O governo brasileiro e a nossa diplomacia parecem estar atrasados, infelizmente. Nada fizeram quando tudo começou e acenaram com a possibilidade de visto de trabalho a esta população tão sofrida.

Duas perguntas. Primeiro, como vão impedir os refugiados de entrar no País? A lei de refugiados autoriza qualquer pessoa a fazer o pedido de visto. Vão decidir caso a caso quem pode ser considerado refugiado e quem não pode? Segundo, como vão controlar as fronteiras? É praticamente impossível e além disso os haitianos têm pelo menos um século de tradição de imigração ilegal.

Não sei como deixaram chegar a este ponto colocando vidas em risco e famílias inteiras se organizando para mandar um de seus filhos buscar refúgio e trabalho no Brasil. Acordos continentais de imigração são fundamentais para regular a entrada de imigrantes, sobretudo diante do fato mais do que evidente de que o Brasil está sendo visto como um novo Eldorado.

Mais uma vez o que se vê na política brasileira é um voluntarismo sem a menor preocupação com os resultados. É muito bonito prometer visto de trabalho e depois que a porteira se abre e as condições miseráveis de vida dos imigrantes aparecem tomar decisões impossíveis de serem cumpridas. Por que não fizeram antes um protocolo para que os imigrantes haitianos tivessem uma acolhida melhor? Talvez já seja mesmo tarde para uma postura humanitária.

9 comentários »

Ano Velho, Ano Novo

sex, 06/01/12 por yvonnemaggie | categoria Sem categoria

Um amigo meu passou o final do ano em Honduras – um dos países mais violentos do mundo com cem mortes por cem mil habitantes – e me contou o que presenciou na capital do país, num condomínio protegido por guardas armados e cercado por muros e portões de ferro, durante as festas. No meio desse condomínio os moradores construíram um boneco de pano, em tamanho natural, de um policial uniformizado com as insígnias locais. À meia noite as pessoas atearam fogo ao policial de mentira do qual saíram rojões e foguetes num barulho ensurdecedor. Depois dessa cena inusitada voltaram calmamente para suas casas. Assustado e aterrado meu amigo perguntou a um jovem o que significava aquilo. “É um policial e a gente não gosta de policiais porque eles só fazem merda”.

Da mesma maneira nos bairros e subúrbios de Tegucigalpa a virada do ano foi comemorada com o julgamento sumário dos policiais corruptos em forma de bonecos de pano cheios de pólvora

chamados “monigotes”, que representam o Ano Velho. Segundo o jornal *El Herald*, a população se esforçou para que o fogo consumisse os bonecos inteiros, e essas cenas traduziam o repúdio dos cidadãos à corrupção policial. A cada ano, as figuras representadas nos “monigotes” expressam o que se deseja ver como passado, como Ano Velho. Foi este o ritual de fim de ano na capital de Honduras.

Rituais de queima de bonecos ou fantoches são comuns e Lévi-Strauss nos ensinou, no bellissimo artigo O suplício do Papai Noel, os muitos significados que se pode apreender dessas manifestações de aparência violenta. O artigo do mestre francês analisa um fato ocorrido no dia 24 de dezembro de 1951 em frente a um orfanato nos portões da catedral de Dijon, na França, quando o clero promoveu a queima do velho que distribui presentes. Foi a forma utilizada para reforçar o sentido religioso da data do nascimento de Cristo e lutar contra o que achavam uma secularização extrema do Natal pela população.

Ao ouvir a história do meu amigo pensei no Rio de Janeiro, no esforço que foi feito para que uma parte da cidade se libertasse do jugo da corrupção e da prepotência dos traficantes, e no que aqui representou o fogo da virada do ano. Numa festa de “desperdício”, um *potlatch* – ritual praticado por grupos indígenas da América do Norte, no qual os chefes arrecadam os bens produzidos por seus súditos, os distribuem durante uma comemoração riquíssima a seus convidados e, quando não há mais a quem distribuir, destroem o excedente. Um ritual que reforça o poder de quem promove a festa e os presentes, e revigora os laços de reciprocidade entre os participantes. Aquele que dá a festa mais rica e de maior desperdício adquire maior poder.

O Rio de Janeiro festeja a passagem do ano na sua festa do desperdício, desde que Iemanjá foi substituída pelos espetáculos pirotécnicos financiados pelo Estado e por grandes empresas. A virada de 2011 para 2012, especialmente na Zona Sul da cidade, com as favelas “pacificadas”, sem o comando dos traficantes, foi comemorada por uma queima de fogos que uniu a orla do Leme ao Pontal passando pela Rocinha, a maior e mais famosa favela da América Latina. De cima das lajes das casas de tijolo, sem reboco e pintura, ricos e não tão ricos dividiram a alegria e a esperança de dias melhores, livres do domínio do terror e do arbítrio. Com direito a comida e bebida os muito ricos dividiram o espaço com os não tão pobres habitantes das comunidades onde antes havia muita tristeza e morte. Em cima do morro que separa o Leblon de São Conrado e Barra, no topo daquela famosa favela onde os traficantes organizavam festas e assassinatos, a prefeitura da cidade armou o foguetório que rivalizou com o de Copacabana. De cima das lajes do morro de Santa Marta, do Pavão Pavãozinho, da Rocinha e do Chapéu Mangueira as pessoas puderam ver melhor os fogos de Copacabana, da Lagoa Rodrigo de Freitas e da Rocinha. Quando os rojões coloridos de verde subiram aos céus, ouviu-se a famosa música dos Beatles *All we need is love*. Nas areias da praia de Copacabana e nas lajes das favelas, hoje “pacificadas”, todos cantaram em coro a canção, expressando talvez o desejo de construir uma sociedade mais igualitária e justa, como a dizer que a vida pode existir com menos dor e violência.

Esta cena que assistimos na Zona Sul da cidade, não se repetiu, infelizmente, em muitos subúrbios e bairros mais afastados do turismo, e os traficantes locais ainda usaram suas balas traçantes para anunciar o novo ano. Mas quem sabe em 2012 toda cidade possa estar unida nesse refrão e não haja mais nenhum bairro sob o domínio do medo e da violência.



Jornal El Herald – Honduras – 1 de janeiro de 2012. Foto da primeira página.



Queima do boneco representando um policial em Tegucigalpa, Honduras, 2011. Foto de arquivo Yvonne Maggie



Fogos no Rio de Janeiro - Wagner Meier / Fotoarena / Agência Estado

[comentário »](#)

A festa que foi de lemanjá

sex, 30/12/11 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

Houve um tempo, lá pelos 1960 e 1970 e até meados dos 1980, em que no dia 31 de dezembro no Rio de Janeiro, dia de lemanjá, pais e mães-de-santo com seus filhos saíam de suas casas nos subúrbios da cidade e se dirigiam às praias para fazer oferendas à rainha do mar. No final da tarde, estes grupos tomavam a orla da Zona Sul da cidade, Copacabana, Ipanema e Leblon, praias durante o ano frequentadas principalmente pela elite da cidade. Cada qual organizava ali seu espaço, construindo barreiras de areia em círculos, buscando enfeitar seu 'terreiro' da forma mais bonita, com velas e as flores preferidas de Janaína – palmas e rosas brancas. A noite caía, atabaques começavam a rufar, e médiuns que cantavam os "pontos", ou cantigas dos "guias", aos poucos entravam em transe. Baixavam então os pretos e pretas-velhas arqueados, falando enrolado como escravos velhos, e alguns caboclos viris e caboclas muito sensuais. lemanjá também se apoderava de seu "cavalo" e rodopiava equilibrando uma taça com sua bebida preferida nas mãos.

Tinha então início o ritual que se estenderia pela noite. Médiuns com seus pretos e pretas-velhas, ou caboclos, davam "consulta" aos milhares de fiéis que procuravam os guias na esperança de receber uma benção e uma previsão otimista para seu ano novo. Entre os assistentes estavam também convivas das festas dos ricos e famosos que desciam dos edifícios luxuosos de Ipanema e Copacabana e iam até a praia, também vestidos de branco, aproximando-se dos pretos e pretas-

velhas e caboclos para receber “passes” e fazer consultas. Muitas vezes um ou outro entrava em um inesperado transe para seu próprio espanto e de seus amigos.

Era um espetáculo impressionante ver a praia à noite, cheia de luzes vindas de buracos feitos na areia, iluminando rostos, braços e pernas, dando um ar misterioso ao cenário majestoso. Os tambores, em ritmo acelerado, e as cantigas dedicadas aos santos, especialmente à lemanjá, ecoavam por todos os lados. À meia noite, os chefes dos terreiros começavam a lançar rojões e fogos de artifício. Um grupo de médiuns levava os barquinhos brancos e azuis, repletos de presentes para a vaidosa Janaína para bem depois da arrebentação, e um frenesi se espalhava entre eles, que ficavam bem perto da água esperando que os barquinhos desaparecessem. Se o barco voltasse era sinal de que lemanjá não aceitara a oferenda.

Este espetáculo, que vi tantas vezes, era um ritual de inversão, como o antropólogo Victor Turner definiu magistralmente. Nessa noite de passagem do ano vivia-se, pelo ritual, a inversão da estrutura e da hierarquia vigente na nossa sociedade durante o ano: os ricos se postavam aos pés dos pobres, transformados em entidades poderosas, em busca de benção, proteção e bons presságios. O ritual, pela inversão, demarcava a divisão muito profunda entre as classes na vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro. A cada ano que passava mais gente acorria à Copacabana ou Ipanema para ver e se consultar com os guias naquela festa mágica.

Era um outro tempo e a nossa sociedade era bem diversa da que existe hoje. O Brasil mudou muito nestes últimos quarenta anos e a festa de lemanjá atesta esta mudança. A transformação não foi repentina. Pelo final de 1980 os hotéis da orla começaram a abrilhantar a noite de 31 com fogos que desciam em cascata, ou eram colocados na própria areia competindo com os rojões e fogos dos terreiros. Pouco a pouco, a sereia do mar não brilhava mais naquelas águas repletas de barquinhos com seus presentes. Os efeitos pirotécnicos suplantaram a festa da santa, espantando pais e mães-de-santos e seus acólitos para outras plagas. Até que em 1992, o prefeito da cidade decidiu financiar os fogos que partem de imensas balsas ancoradas no mar. A queima oficial encantou tanto que, considerada uma das mais bonitas do mundo, compete com Nova Iorque, Sidney e outras capitais mundiais.

Hoje mais de dois milhões de pessoas afluem à Copacabana para ver os fogos e assistir aos inúmeros *shows* gratuitos em palcos montados nas areias da praia. São pessoas de todas as classes que se acotovelam e se abraçam à meia noite e não há mais a inversão ritual de outrora. Assisti-se a um espetáculo democrático, regido pelo Estado e sem a fé de antigamente, embora ainda haja a lembrança de lemanjá em um ou outro terreiro que insiste em se instalar no espaço tomado pela população, e nos trajes brancos das pessoas, algumas das quais levam palmas e rosas em oferenda.

O Ano Novo não nasce mais sob as bênçãos da mãe de todos os orixás e os ricos não se postam mais aos pés dos pobres. O Ano Novo na praia de Copacabana talvez seja um sinal de que o povo brasileiro anseia por uma sociedade menos desigual e mais democrática. Feliz Ano Novo!

10 comentários »

Visão de São Francisco – O Cristo alado

sex, 23/12/11 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

No final do século passado, lá por meados de 1998 eu estava passando pelo Largo da Carioca e encontrei meu amigo Luciano, filho de um construtor português, autodidata e habilidosíssimo na arte de restaurar telhados antigos em construções tombadas pelo Iphan. Era um mestre. Luciano, o filho mais novo, embora graduado em geografia, seguiu os passos do pai e aprendeu com ele a refazer telhados e restaurar bens tombados. Perguntei o que andava fazendo e ele me disse que estava trabalhando no restauro do telhado da Ordem Terceira de São Francisco, igreja ao lado do convento de Santo Antônio, em cima do morro do mesmo nome, e convidou-me para acompanhá-lo até lá. Foi uma visita guiada até a cumeeira.

Pude ver a beleza da arquitetura e, de quebra, as imagens barrocas retiradas de seus nichos para o restauro das pinturas e talhas. Foi um deslumbramento! As imagens eram maravilhosas e especialmente uma delas me impressionou pela singularidade: o Cristo alado que compõe a talha do altar principal repousava no chão, prestes a ser embalado para participar da exposição do barroco brasileiro no Petit Palais, em Paris, que seria realizada em novembro de 1999. Meus olhos não contiveram as lágrimas, pois nunca imaginei ver de tão perto aquela visão de São Francisco no monte Alverne.

Voltei este mês ao convento de Santo Antônio para o lançamento de um bellissimo livro – *Memória da arte franciscana na cidade do Rio de Janeiro: convento e igreja de Santo Antônio – igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência*, de autoria de Ana Maria Fausto Monteiro de Carvalho, Rosa Maria Costa Ribeiro e Cesar Augusto Tovar Silva, editado pela Artway Consultoria e Projetos Ltda.

O livro compõe-se de textos que analisam a arte, a cultura e a história deste conjunto arquitetônico impressionante pela sua simplicidade exterior que contrasta com a riqueza interior, e expõe de forma completa os quatrocentos anos de história da presença da Ordem Franciscana na cidade do Rio de Janeiro. Ao descreverem os aspectos históricos da Ordem na sua origem, no Brasil e no Rio de Janeiro, os capítulos se sucedem levando-nos pelos caminhos da imaginária religiosa, sua arquitetura, arte da talha, pintura e azulejaria. Guiado pelas mãos de exímios especialistas e uma bellissima coleção de documentos de época – desenhos e gravuras – e de fotos atuais, o leitor parece estar dentro destes edifícios monumentais.

Ninguém imagina, passando pelo confuso Largo da Carioca, cheio de vendedores ambulantes e ilusionistas rodeados de expectadores, que basta subir os degraus daquele morro de Santo Antônio para apreciar esta bellissima obra barroca. A igreja da Ordem Terceira é toda recoberta de ouro e as pinturas do teto deixam qualquer ateu de queixo caído. Rosa Costa Ribeiro relata que em 1657 “os irmãos terceiros iniciaram [...] a construção de uma igreja com nave e capela-mor e fachada diferente da atual [...]. Em 1715, deu-se início à decoração interna da igreja. Para tal foram contratados os mais renomados artistas da época, o que demonstra o poder econômico que a irmandade da Ordem Terceira de São Francisco tinha atingido no século XVIII.” O entalhador Manuel de Brito fez todo o retábulo da capela-mor e várias outras peças e, um pouco mais tarde, o pintor Caetano da Costa Coelho fez o douramento da capela-mor e a pintura do teto. A talha do altar principal da Ordem Terceira contém uma cena quase cinematográfica da visão de São Francisco no monte Alverne, na Itália: São Francisco, representado como um homem de meia idade, em atitude dramática recebe as chagas de Cristo que está na cruz com as seis asas do anjo Serafim, conforme o santo descreveu sua visão para os irmãos que o acompanhavam.

Natal é o dia do nascimento de Cristo e eu falando sobre uma imagem de Cristo na cruz. Mas Natal é tempo de pensar na reciprocidade, na doação e na amizade e a Ordem dos Franciscanos representa doação. Os irmãos da Ordem Terceira ainda são vistos hoje, bem perto da sua igreja, no Largo de São Francisco, oferecendo um pouco de conforto aos muitos mendigos que vivem ali na desesperança e na solidão da grande cidade.

Desejo assim aos meus leitores e aos que, generosamente, comentaram ao longo desse semestre os meus posts, um Feliz Natal na certeza de que precisamos mesmo olhar as belezas que a cidade do Rio de Janeiro tem a nos oferecer. Àqueles que moram aqui, insisto que subam ao convento e não deixem de visitar a igreja da Ordem Terceira, agora toda restaurada. Uma ateu também vê milagres. Assim, vi o Cristo na cruz, com as seis asas do anjo Serafim, como sinal de esperança, como se o anjo estivesse ali para aliviar o peso do sofrimento de Cristo crucificado representando o sofrimento de todos nós.



Coroamento do Retábulo Mor da Igreja da Ordem Terceira da Penitência. Foto de Alex Salim.



Altar principal da igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência - Foto do acervo de Yvonne Maggie



Altar principal da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco com a representação da visão de São Francisco no monte Alverne - Foto do acervo de Yvonne Maggie

[4 comentários »](#)

A presidente Dilma Rousseff ontem e hoje

sex, 16/12/11 por yvonnemaggie | categoria [Sem categoria](#)

Na semana passada foi divulgada **uma foto da**

presidente Dilma que me deixou impressionadíssima. Dilma Rousseff, aos 22 anos, sendo julgada por um Tribunal Militar na sede da Auditoria Militar do Rio de Janeiro em 1970, em postura altiva, diante de “juizes” militares, todos com os rostos escondidos entre suas próprias mãos. Esta foto foi retirada do processo sofrido por Dilma, depois de meses de tortura quando presa pela ditadura. Uma menina de 22 anos, diante de juizes aparentemente jovens também, que quase perdeu a vida por um ideal, uma utopia, talvez a última utopia (...). Uma moça seduzida pelo desejo de transformar o Brasil, acabar com as injustiças, com a pobreza e para todos serem iguais e terem as mesmas oportunidades. E, é claro, na época, uma revolucionária que lutava pela liberdade. Uma pessoa lançada em uma perigosa aventura por líderes, certamente bem mais velhos, em sua maioria, homens. Eu nunca tinha visto uma foto de alguém sendo julgado por um Tribunal Militar no tempo da ditadura o que, pode ser ignorância minha, mas muitos amigos também nunca viram. A foto representa um tempo de medo, tristeza e opressão. Foi a jovem de 22 anos, diante da opressão e da selvageria que me trouxe de volta aquele tempo tão tenebroso da minha juventude e que me fez pensar sobre o tempo de agora.

Do sonho à realidade foi-se uma vida. Na mesma semana em que a citada foto saiu nos jornais, nossa presidente, comentou uma declaração do ministro Carlos Lupi, dias antes de ser demitido por recomendação da Comissão de Ética Pública, que, num arroubo infantil e desrespeitoso disse: “Eu te amo Dilma!”. Quando os repórteres a pressionaram para comentar a “declaração de amor” de Lupi, a presidente, de uma forma canhestra, muito pouco à vontade declarou: “Tenho 63 anos de idade, uma filha com 34 anos, um neto de 1 ano e 2 meses. Eu não sou propriamente uma adolescente e eu diria também (que não sou) uma romântica. Acho que a vida ensina a gente, e acho que a gente tem de respeitar as pessoas, mas eu faço análises muito objetivas”.

Instigada por Demétrio Magnoli, que em seu artigo do dia 8 de dezembro no jornal *O Globo*, disse: “Há algo de curioso, a ser investigado pelos antropólogos, nessa sutil recuperação de um simbolismo patriarcal”, decidi aceitar o desafio e refletir sobre o tema. Pensei nestes dois momentos da vida de uma mulher da minha geração que vem sendo hoje colocada no papel de síndica, faxineira, mãe zelosa e severa.

Não acho nada surpreendente o fato de terem transformado a Dilma forte da campanha em uma faxineira que limpa a sujeira produzida no dia a dia da vida política. Dilma é a mãe que ralha como Getúlio era o pai dos pobres. Não foram os petistas que inventaram o patrimonialismo, a confusão entre a vida pública e a vida privada. Esta é uma das características do nosso sistema político, tão bem estudado por Raimundo Faoro. O que está acontecendo agora, como muitos já disseram (o próprio Demétrio, por exemplo, no excelente artigo de *O Globo*), é que o sistema está a serviço dos partidos da base aliada. O clientelismo, próprio desse sistema, foi modernizado por meios muito poderosos. O papel de mãe zelosa se coaduna bem com a imagem do patriarcalismo, sistema em que o lugar e o poder da mulher está circunscrito à vida familiar.

A presidente Dilma, na resposta ao ministro Lupi, disse que faz análises “muito objetivas”. Será que acredita estar governando um estado racional–burocrático, escolhendo seus ministros e assessores por competência e capacidade e não por suas ligações pessoais com amigos ou correligionários? É preciso lembrar dos primeiros tropeços com amigos, como Erenice? E dos muitos casos que se sucedem numa enorme confusão entre a vida privada e a vida pública – como o recentíssimo novo escândalo do ministro Fernando Pimentel? Segundo a presidente Dilma o ministro não deve explicações sobre a sua vida privada. Será mesmo? É a vida privada do ministro que está em causa ou é a sua posição como político, ou seja, como homem público?

A presidente Dilma fala como se não tivesse abandonado seus ideais de juventude. No entanto, temo, continua presa, enredada, por tramas masculinas de toda sorte. O papel de chefe de um estado que segue regras republicanas não pode ser confundido com aquele da dona de casa que lida com filhos desobedientes. Não há nada de desobediência nos “malfeitos” do atual sistema; são crimes bem orquestrados contra o bem público e assim devem ser tratados.

Este papel de mãe severa que tudo vê e reprime não combina com a imagem da revolucionária de 22 anos diante de uma Auditoria Militar depois de meses de tortura, mas tem tudo a ver com a

estratégia de fazer voltar o Brasil retrógado, patrimonialista e patriarcal, que tanto lutamos para transformar. Todas as tentativas de destruir o que representou o “pai dos pobres” para o Brasil, parecem estar indo por água abaixo quando se inventa uma mãe severa, zelosa, que vê os “malfeitos” e reprime.

13 comentários »

« posts anteriores

globo.com | notícias | esportes | entretenimento | vídeos

buscar na web

central globo.com | assine a globo.com | todos os sites | meus dados | anuncie na globo.com

2000-2012 **globo.com** Todos os direitos reservados. [Política de privacidade](#)